

**Ferreira
Gullar**

**Muitas
Vozes**

Toda a Poesia
1950-2010

PLURAL



Ferreira Gullar

MUITAS VOZES

Toda a Poesia, 1950-2010

Posfácios de Antonio Cicero e Antonio Carlos Secchin

A reunião da poesia completa de Ferreira Gullar foi publicada pela primeira vez em 1980 pela editora Civilização Brasileira e, ao longo dos anos, ganhou novas edições, acrescentando a produção subsequente do poeta. A última revista pelo autor foi lançada no Brasil em 2015 pela José Olympio e serviu de base para a edição publicada no início de 2021 pela Companhia das Letras, sob o título *Toda Poesia*. A presente edição segue esta última, incorporando o posfácio de Antonio Cicero também nela incluído, e o de Antonio Carlos Secchin, devidamente atualizado, que antes acompanhara a edição das *Obras Completas* na Nova Aguilar.

Muitas Vozes — Toda a Poesia, 1950-2010 percorre a produção de um dos poetas mais excepcionais da língua portuguesa: *A Luta Corporal* (livro lançado originalmente em 1954), *O Vil Metal* (escrito entre 1954 e 1960 e incluído em *Dentro da Noite Veloz*, em 1975), *Poemas Concretos/Neoconcretos* (publicado como *Poemas*, em 1958), *Romances de Cordel* (escrito entre 1962 e 1967, incluído na primeira edição de *Toda Poesia*, em 1980, e publicado pela primeira vez em edição autônoma em 2009, com ilustrações de Ciro Fernandes), *Dentro da Noite Veloz* (1975), *Poema Sujo* (1976), *Na Vertigem do Dia* (1980), *Barulhos* (1987), *Muitas Vozes* (de 1999, e cujo título se usa para em Portugal apresentar esta recolha) e *Em Alguma Parte Alguma* (2010). De fora fica apenas *Um pouco acima do Chão*, datado de 1949 e nunca reeditado pelo autor.

Celebrado por Vinicius de Moraes como o «último grande poeta brasileiro», Ferreira Gullar tornou-se uma figura imprescindível no debate sobre poesia, arte, política e cultura. Ao combinar as memórias de infância em São Luís do Maranhão, a curiosidade em experimentar a linguagem e uma profunda inquietação com as questões sociais do país, os seus versos tornaram-se uma referência incontornável para gerações de leitores e escritores.

Portugal não ficou indiferente à importância da poesia de Gullar. A sua *Obra Poética* foi publicada nas Quasi Edições em 2003, tendo pos-

teriormente a Ulisseia editado os volumes *Em Alguma Parte Alguma* e *Poema Sujo*, simultaneamente à edição do primeiro no Brasil.

A Imprensa Nacional agradece a contribuição de Maria Amélia Mello, Augusto Sérgio Bastos e Antonio Carlos Secchin, bem como da Companhia das Letras, na pessoa da sua editora Alice Sant'Anna.

SETE POEMAS PORTUGUESES

3

Vagueio campos noturnos
Muros soturnos
paredes de solidão
sufocam minha canção

A canção repousa o braço
no meu ombro escasso:
firmam-se no coração
meu passo e minha canção

Me perco em campos noturnos
Rios noturnos
te afogam, desunião,
entre meus pés e a canção

E na relva diuturna
(que voz diurna
cresce cresce do chão?)
rola meu coração

4

Nada vos oferto
além destas mortes
de que me alimento

Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão

Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação

Fonte, flor em fogo,
que é que nos espera
por detrás da noite?

Nada vos sovino:
com a minha incerteza
vos ilumino

5

Prometi-me possuí-la muito embora
ela me redimisse ou me cegasse.
Busquei-a nas catástrofes, da aurora,
e na fonte e no muro onde sua face,

entre a alucinação e a paz sonora
da água e do musgo, solitária nasce.
Mas sempre que me acerco vai-se embora
como se me temesse ou me odiasse.

Assim persigo-a, lúcido e demente.
Se por detrás da tarde transparente
seus pés vislumbro, logo nos desvãos

das nuvens fogem, luminosos e ágeis.
Vocabulário e corpo — deuses frágeis —
eu colho a ausência que me queima as mãos.

6

Calco sob os pés sórdidos o mito
que os céus segura — e sobre um caos me assento.
Piso a manhã caída no cimento
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento
da terrível magia) agora hesito,
e queimo — e tudo é o desmoronamento
do mistério que sofro e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro
com que verei descer de céus remotos
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,
eu mesmo ajuntarei a estrela ou a pedra
que de mim reste sob os meus escombros.

7

Neste leito de ausência em que me esqueço
desperta um longo rio solitário:
se ele cresce de mim, se dele cresço,
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo
nem foz, e o curso, que é constante, é vário.
Vai nas águas levando, involuntário,
luas onde me acordo e me adormeço.

Sobre o leito de sal, sou luz e gesso:
duplo espelho — o precário no precário.
Flore um lado de mim? No outro, ao contrário,
de silêncio em silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa e lodo necessário,
passa o rio sem foz e sem começo.

8

Quatro muros de cal, pedra soturna,
e o silêncio a medrar musgos, na interna
face, põe ramas sobre a flor diuturna:
tudo que é canto morre à face externa,
que lá dentro só há frieza e fuma.

Que lá dentro só há desertos nichos,
ecos vazios, sombras insonoras
de ausências: as imagens sob os lixos
no chão profundo de osgas vis e auroras
onde os milagres são poeira e bichos;

e sobretudo um tão feroz sossego,
em cujo manto ácido se escuta
o desprezo a oscilar, pêndulo cego;

nada regula o tempo nessa luta
de saís que ali se trava. Trava? Nego:

no recinto sem fuga — prumo e nível —
som de fonte e de nuvens, jamais fluis!
Nem vestígios de vida putrescível.
Apenas a memória acende azuis
corolas na penumbra do impossível.

9

Fluo obscuro de mim, enquanto a rosa
se entrega ao mundo, estrela tranquila.
Nada sei do que sofro.

O mesmo tempo
que em mim é frustração, nela cintila.

E este por sobre nós espelho, lento,
bebe ódio em mim; nela, o vermelho.
Morro o que sou nos dois.

O mesmo vento
que impele a rosa é que nos move, espelho!

COLEÇÃO

PLURAL

POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e XXI que foi Vasco Graça Moura.

Ferreira Gullar nasceu José de Ribamar Ferreira em 10 de setembro de 1930 em São Luís do Maranhão. Dois anos depois de publicar o seu primeiro livro, *Um pouco acima do Chão* (1949), mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1954, com o lançamento de *A Luta Corporal*, iniciou a sua trajetória pontuada pela experimentação da linguagem e pela incursão em movimentos literários e artísticos.

Filiado no Partido Comunista Brasileiro, foi perseguido, preso e obrigado a exilar-se em 1968. Na Argentina escreveu, em 1975, *Poema Sujo*, celebrado como uma das principais obras da língua portuguesa do século xx. A publicação do livro, no ano seguinte, marcou o retorno do escritor ao Brasil.

Em 2005, foi distinguido com o Prémio Conrado Wessel de Ciência e Cultura e com o Prémio Machado de Assis, o mais importante galardão literário brasileiro, ambos pelo conjunto da obra. Em 2010, foi condecorado com o Prémio Camões, e em 2014, passou a integrar a Academia Brasileira de Letras.

A produção do escritor – que, além de poeta e dramaturgo, atuou como artista plástico, crítico de artes, tradutor e autor de livros infantis – é marcada pelo lirismo, pela preocupação social, pela paixão carnal e pelo espanto com a vida. Ferreira Gullar faleceu no Rio de Janeiro no dia 4 de dezembro de 2016.

